

A soberania alimentar contra a guerra, o imperialismo e a fome

17 de Abril, 2026



«A guerra e a fome são duas faces do mesmo sistema. Defender a terra e a alimentação é defender a própria vida.»

Tradução, adaptação e edição de
Rui Viana Pereira
Abril, 2026

Site de La Via Campesina:
<https://viacampesina.org/en/>
(em inglês, francês e espanhol)

Siglas e abreviaturas:

- ACNUR** – [Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados](#) (ou Agência da ONU para Refugiados), em inglês UNHCR ou simplesmente HCR
- FAO** – [Food and Agriculture Organization of the United Nations](#) (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura)
- FAR** – [Forças de Apoio Rápido ou Forças de Suporte Rápido](#)
- FEWS NET** ou **FEWSNET** – Famine Early Warning Systems Network, ou [Rede dos Sistemas de Aviso Prévio contra a Fome](#)
- HCR** – United Nations **H**igh **C**ommissioner for **R**efugees ([Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados](#), ACNUR)
- IPC** – [International Planning Committee for Food Sovereignty](#), ou Comité Internacional de Planificação para a Soberania Alimentar
- MAGA** – «[Make America Great Again](#)»
- OCHA** – Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, ou [Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários](#)
- ONU** – Organização das Nações Unidas – ver [aqui](#) ou [aqui em português](#)
- PAM** – [Parliamentary Assembly of the Mediterranean](#) (Assembleia Parlamentar do Mediterrâneo) – Portugal aderiu em 7/02/2005 – Reúne em pé de igualdade os parlamentos dos países da bacia mediterrânica; promove o diálogo e o entendimento entre as assembleias parlamentares dos estados membros; elabora recomendações e propostas às assembleias nacionais – ver [estatutos e regulamentos](#)
- RDC** – República Democrática do Congo
- SIPRI** – [Stockholm International Peace Research Institute](#) – oferece artigos e bases de dados sobre as despesas militares em todo o mundo
- SOFI** – [The State of Food Security and Nutrition in the World Report](#) – publicação do World Food Program (WFP)
- UNHCR** – (ver ACNUR ou HCR) (não confundir com **United Nations Human Rights Council**, com a mesma sigla)
- UNICEF** – United Nations International Children's Emergency Fund, ou [Fundo das Nações Unidas para a Infância](#)
- WFP** – Programa Alimentar Mundial (da ONU), ou [UN World Food Programme](#)

I. UM MUNDO À BEIRA DO ABISMO: UM MOMENTO HISTÓRICO

Vivemos uma confluência de crises inusitada. Nunca na história recente rebentaram tantos conflitos armados simultaneamente em tantos continentes. As guerras em Gaza, no Líbano, na Ucrânia, no Sudão, no Iéme, em Mianmar, no Sahel, na República Democrática do Congo e na Síria não são tragédias isoladas. Constituem manifestações sintomáticas de um mesmo sistema mundial estruturalmente disfuncional, assente na lógica da acumulação capitalista, do racismo estrutural, na escalada de tensões em torno do poder geopolítico, na extracção de recursos e na dominação imperial neocolonial.

Actualmente convergem quatro dinâmicas que se reforçam mutuamente: uma crise estrutural do capitalismo mundial, a escalada do imperialismo militar das potências dominantes, o desenvolvimento de tecnologias militares com efeitos cada vez mais destrutivos e a utilização deliberada dos alimentos como arma. Estas dinâmicas constituem uma ameaça existencial, não só para os sistemas alimentares, mas também para a própria humanidade e para a natureza, com graves violações dos direitos humanos que contornam convenções internacionais vinculativas.

A defesa da terra e da alimentação faz parte das lutas históricas dos povos contra os colonizadores. Desde o início do período colonial, a terra, a água, as florestas e os territórios foram usurpados para enriquecer as potências hegemónicas mundiais. Hoje em dia, o neocolonialismo e o neo-imperialismo perpetuam-se por meio de intervenções militares e sistemas comerciais, instituições financeiras e monetárias neoliberais, bem como as multinacionais. Estas dinâmicas fazem parte do que Naomi Klein chama «capitalismo do desastre», um sistema no qual as crises são exploradas para impor a privatização e a desregulamentação, garantindo que são os mesmos agentes que reconstróem e promovem novas tecnologias para um novo sistema de produção alimentar. Por exemplo: (i) Depois de ter raptado o presidente Nicolás Maduro, a administração Trump procurou abrir a Venezuela às empresas mineiras norte-americanas, apesar das políticas da Venezuela procurarem proteger os recursos naturais, mais do que promover a privatização e a liberalização do mercado; (ii) A seguir à queda do regime de Saddam Hussein, o presidente George W. Bush facilitou a entrada das empresas americanas no Iraque.

La Via Campesina, movimento internacional que reúne mais de 180 organizações de 81 países e representa mais de 200 milhões de camponeses, agricultores, povos autóctones e comunidades rurais, toca a rebate. Fiel à sua luta central – «face às crises mundiais, construimos a soberania alimentar para garantir o futuro da humanidade» – La Via Campesina sublinha a urgência da situação. As populações rurais pobres, sendo elas que alimentam o mundo, pagam o preço mais alto. Estão encurraladas na pobreza, na fome e nos conflitos, que levam à espoliação e a migrações forçadas. Segundo a organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura (FAO), os conflitos armados constituem a principal causa de fome em todo o mundo. Os factos impõem uma clareza moral e política urgente.

Tabela 1: Os números da fome e da guerra

3.733 milhões	3,1 mil milhões	60 %	2,44 biliões de dólares
peças que passam fome no mundo (FAO SOFI 2024)	peças que não conseguem ter uma alimentação sã (FAO)	peças que sofrem fome em zonas de conflito (PAM)	despesas militares mundiais em 2023 (SIPRI)

Fontes: FAO, «[The State of Food Security and Nutrition in the World 2024](#)» | PAM, «[Annual Report 2024](#)» | SIPRI, «[Military Expenditure Database](#)»

II. A MUNDIALIZAÇÃO DA GUERRA: ECONOMIA POLÍTICA DOS CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS

É impossível compreender a proliferação actual das guerras sem encarar as profundas contradições estruturais do capitalismo do século XXI. A acumulação de capital, motor da ordem económica mundial, sempre dependeu de duas formas de espoliação: a exploração do trabalho humano e a mercantilização da natureza. A terra, a água, as sementes, os minerais, os genes e o espaço atmosférico foram transformados em recursos comerciáveis. Quando os recursos se tornam escassos ou quando os estados poderosos percebem que o seu fornecimento está ameaçado, a guerra torna-se o seu instrumento de eleição.

O mundo assiste a uma transição perigosa, devido às rivalidades de poder geopolíticas. Ao mesmo tempo, o multilateralismo sob a égide das Nações Unidas (ONU) está ameaçado. Enfrenta pressões crescentes por parte de potências he-

gemónicas concorrentes. Por consequência, a pertinência da ONU na regulação e estruturação das relações internacionais entrou em declínio.

Ao mesmo tempo que a hegemonia dos EUA é enfraquecida pelo peso da financeirização, da desindustrialização, da ascensão da China como superpotência económica e tecnológica e pela emergência dos BRICS, a política externa dos EUA torna-se cada vez mais assertiva. Com Donald Trump e a sua doutrina «*Make America Great Again*» (MAGA), Washington adoptou uma postura mais agressiva para defender a sua posição mundial. Trump sugeriu mesmo que a sua autoridade como comandante-em-chefe é guiada principalmente pelo seu próprio sentido moral, mais do que pelo direito internacional, pelos tratados ou por normas globais.

O resultado é a militarização em cascata das relações internacionais, na qual o fardo mais pesado cabe ao Sul Global. Regiões como o mundo árabe e a sua esfera geopolítica, o Corno de África, o Sahel, a América Latina, bem como o Sueste Asiático e a Ásia Oriental (o Indo-Pacífico), tornaram-se palcos centrais da competição entre superpotências.

Esta dinâmica é caracterizada por quatro aspectos estruturais:

- **Militarização da economia mundial:** As despesas militares atingiram o nível recorde de 2,44 biliões de dólares em 2023^(*) (SIPRI, 2024), ao mesmo tempo que a FAO calcula que acabar com a fome custaria 267 mil milhões de dólares por ano. A opção de armar em vez de alimentar não é um imperativo económico – é uma decisão política. Reflecte uma visão na qual o domínio geopolítico é entendido como uma via para o domínio da economia mundial.
- **O crescimento do complexo militar-industrial:** Os *lobbies* do armamento nos EUA, em França, em Israel e noutros países exercem uma influência significativa na política externa. A exportação de armas gera lucros que ascendem a centenas de milhares de milhões, ao passo que nos territórios que recebem essas armas a contabilidade se faz em número de mortos. A capacidade destrutiva das armas modernas atinge níveis sem precedente e expõem o mundo inteiro ao risco nuclear.

(*) Nos anos mais recentes este recorde voltou a ser sucessivamente batido, ultrapassando os 2,74 biliões em 2025. (N. do T.)

- **A corrida aos recursos naturais:** As terras raras, os combustíveis fósseis, a água e as terras agrícolas estão no cerne das disputas na maioria dos conflitos contemporâneos. O ataque às exportações de cereais ucranianos, a corrida ao cobalto congolês e o cerco das zonas de pesca em Gaza derivam desta lógica.
- **Dependência estrutural em relação ao Sul Global:** Décadas de ajustamentos estruturais neoliberais minaram a soberania alimentar das nações em desenvolvimento, tornando-as dependentes de corredores de importação facilmente instrumentalizáveis por meio de sanções, de bloqueios ou de interceptações marítimas.

Guerra e colapso ecológico

As guerras contemporâneas são catástrofes ecológicas. Os conflitos armados aceleram a destruição do ambiente por via do bombardeamento dos ecossistemas, contaminação dos solos e da água, combustão de combustíveis fósseis em quantidades massivas e colapso da gestão ambiental. As zonas de guerra tornam-se frequentemente lugares de poluição tóxica, de desflorestação e de perda de biodiversidade.

Ao mesmo tempo, a própria aceleração da crise ecológica alimenta as tensões geopolíticas. À medida que os limites planetários são transpostos, nomeadamente a instabilidade climática, a escassez de água, a degradação dos solos e a perda de biodiversidade, intensifica-se a concorrência pelos recursos naturais. A terra, a água, os minerais raros e os territórios agrícolas férteis tornam-se activos estratégicos nas lutas geopolíticas.

Daqui resulta um círculo vicioso: a degradação ecológica agrava a probabilidade de conflitos, e as guerras, por seu lado, agravam a destruição ambiental. Neste contexto, a militarização da economia mundial representa não só uma ameaça à paz, mas também um obstáculo de grande monta à justiça climática e à sobrevivência ecológica.

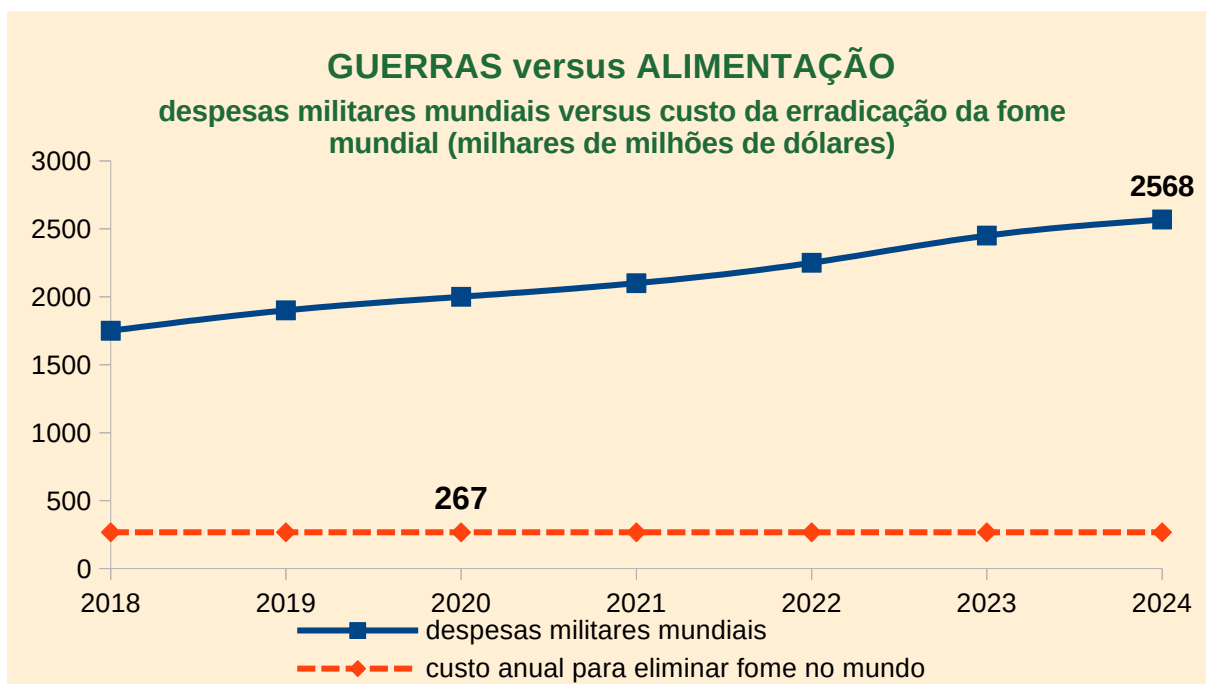


Figura 1: Despesas militares mundiais em comparação com o custo anual de erradicação da fome no mundo (2024: estimativa) – Fontes: SIPRI 2024; FAO «[The State of Food and Agriculture](#)» 2022 (em milhares de milhões de dólares)

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, ou Agência da ONU para Refugiados) (2025), há 129,9 milhões de pessoas deslocadas à força e apátridas em todo o mundo e, para proteger e auxiliar essas pessoas, o ACNUR gasta 10,785 mil milhões de dólares. Neste contexto crítico, os países do Norte Global endureceram as suas políticas racistas e anti-imigração, afectando assim milhões de pessoas deslocadas por crises que se encavalitam.

III. A FOME COMO ARMA: A DESTRUIÇÃO SISTEMÁTICA DOS SISTEMAS ALIMENTARES

O recurso à fome como arma de guerra é estratégico. Ao longo da História, os impérios compreenderam que destruir a capacidade de um povo para se alimentar constitui uma das mais eficazes ferramentas de dominação. Actualmente esta velha lógica é aplicada com uma precisão moderna: por meio do bombardeamento aéreo dos sistemas de irrigação, dos bloqueios marítimos contra as importações alimentares, das sanções que cortam o acesso aos fertilizantes e aos pesticidas, bem como do bombardeamento dos silos de sementes, de cereais, das frotas de pesca e dos mercados agrícolas.

Os três casos seguintes ilustram o dismantelamento deliberado dos sistemas alimentares como mecanismo de coerção, de punição e de controlo das populações.

Em Gaza, a destruição de 80 % das terras agrícolas, o bombardeamento dos barcos de pesca e o bloqueio dos corredores humanitários constituem o que a relatora especial da ONU classificou como «genocídio pela fome».

No Iémen, uma década de bloqueio do porto de Hodeida (Al Hudaydah), ponto de entrada de 70 % das importações alimentares, provocou uma das piores crises de fome da história moderna.

No Sudão, as Forças de Apoio Rápido (FAR) destruíram sistematicamente celeiros e pilharam terras agrícolas, transformando o armazenamento de trigo numa catástrofe. Não se trata de danos colaterais. São políticas deliberadas e devem ser apontadas como tal: crimes de guerra.

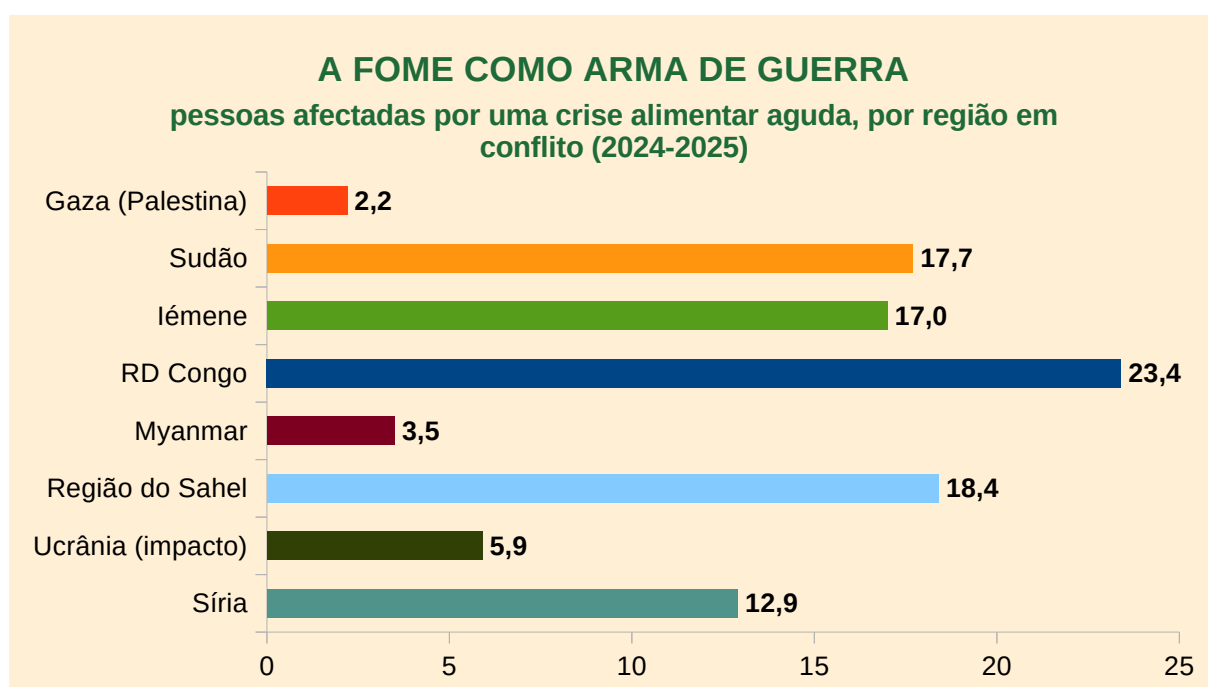


Figura 2: Pessoas em situação de insegurança alimentar aguda (em milhões) por região de conflito (2024-2025) – Fontes: FAO/FSIN; IPC; relatórios de situação do PAM

O quadro seguinte lista 20 casos em que os alimentos foram deliberadamente utilizados como arma nos conflitos contemporâneos – extraídos de documentos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), do Programa Alimentar Mundial (WFP), do Comité Internacional de Planificação para a Soberania Alimentar (CIP), da Gabinete de Coordenação dos Assuntos Humanitários (OCHA) e de organizações de defesa dos direitos humanos:

Tabela 2: 20 casos documentados: os alimentos, usados como arma de guerra

#	Região / conflito	Método e impacto da utilização dos alimentos como arma de guerra
1	Gaza, Palestina (2023-)	Destruição total do sector agrícola: mais de 80 % das terras cultivadas foram danificadas; proibição de pescar no mar para os pescadores; declaração de fome pelo CPI (2024)
2	Iéme (2015-)	Bloqueio dos portos pela coligação dirigida pela Arábia Saudita: 70 % dos alimentos são importados via Hodeida; 21 milhões de pessoas sofrem insegurança alimentar (PAM)
3	Sudão (2023-)	As Forças de Apoio Rápido (FAR) destruíram os depósitos de cereais; 17,7 milhões de pessoas encontram-se em situação de crise; desmantelamento da agricultura em Darfur e no estado de Cartum
4	Ucrânia (2022-)	Ataques russos contra as infraestruturas cerealíferas: 28 % das exportações mundiais de trigo foram interrompidas; subida de 34 % nos preços mundiais dos alimentos (FAO)
5	RDC (em curso)	Grupos armados controlam as terras agrícolas; 23,4 milhões de pessoas em insegurança alimentar aguda; o leste da República Democrática do Congo (RDC) sofreu uma destruição sistemática das culturas
6	Cuba (1962-)	O bloqueio americano restringe as importações alimentares; a proibição de levar petróleo para a ilha (2024) paralisou as cadeias de distribuição alimentar em toda a ilha
7	Síria (2011-)	Destruição deliberada dos sistemas de irrigação; a produção de trigo caiu 75 %; o preço dos alimentos aumentou 800 % entre 2011 e 2020
8	Etiópia / Tigré (2020-2022)	As forças etíopes e eritreias destruíram as colheitas; o PAM assinalou carestias deliberadas; 2 milhões de pessoas deslocadas das suas terras agrícolas
9	Mianmar (2021-)	(República da União de Myanmar, ex-Birmânia) O exército queimou os arrozais e os silos; 3,5 milhões de pessoas deslocadas; o IPC calcula que 13,2 milhões de pessoas sofrem de insegurança alimentar
10	Sahel – Mali / Burkina / Níger	Os grupos armados bloqueiam sistematicamente os mercados e o acesso às explorações agrícolas; 18,4 milhões de pessoas sofrem insegurança alimentar em todo o Sahel (FEWSNET)
11	Venezuela (2015-)	As sanções económicas impostas pelos EUA reduziram as importações de produtos agroquímicos; a produção alimentar caiu 35 %; a subalimentação aguda subiu para 22 %

12	Iraque (1990-2003)	As sanções da ONU causaram a morte de 500.000 crianças (UNICEF); as restrições às importações paralisaram o fornecimento de alimentos e medicamentos
13	Coreia do Norte (em curso)	As sanções internacionais, agravadas pela colectivização do governo, provocaram a fome; 42 % da população está subalimentada (FAO)
14	Somália (2011)	Al-Shabaab [grupo fundamentalista islâmico] bloqueou a ajuda; seca + conflito = fome; 260.000 mortos; 4,6 milhões de pessoas em insegurança alimentar (ONU)
15	Afeganistão (2021-)	Congelamento dos activos decretado pelos EUA, no valor de 7.000 milhões de dólares; 22,8 milhões de pessoas – mais de metade da população – enfrentam insegurança alimentar aguda (PAM, 2022)
16	Zimbabué (década 2000)	As expropriações de terras destruíram a agricultura comercial; a produção de trigo teve uma queda de 90 %; a hiperinflação arruinou o sistema alimentar
17	Líbia (2011-)	O conflito destruiu os recursos de água e de irrigação; o Sahel foi desestabilizado pelo fluxo de armas provenientes da Líbia
18	Haiti (em curso)	O controlo dos <i>gangs</i> em Port-au-Prince bloqueia o fornecimento alimentar; 5 milhões de pessoas passam fome de nível de crise (IPC 2024)
19	Líbano (2020-)	A explosão do porto de Beirute destruiu os principais silos de cereais; colapso económico + bloqueio = 30 % de insegurança alimentar
20	Palestina / Cisjordânia (em curso)	Ataques de colonos israelitas contra os olivais; mais de 800.000 árvores arrancadas desde 1967; confisco sistemático de terras

A destruição sistemática da produção e da distribuição alimentar nas zonas em conflito e nas regiões afectadas reforça a fragilidade da natureza mundializada dos sistemas alimentares. O [relatório SOFI \(2025\)](#) revela factores suplementares, relacionados com os conflitos, que agravam a fome: desaceleração económica e aumento das desigualdades de rendimento, nomeadamente por causa do nível de inflação^(*). O relatório sublinha que o índice dos preços alimentares no decurso dos últimos seis anos ultrapassou largamente o índice global dos preços no consumidor. Este efeito é atribuído a factores ligados à oferta e à procura, ao au-

(*) A propósito da inflação e da forma como ela deve ser interpretada, é aconselhável ler Adriano Zilhão, «[Tudo o Que Não Lhe Dizem Sobre a Inflação](#)», jornal *Maio*, 15-04-2026. (N. do T.)

mento das importações e à expansão monetária; o relatório nota também que se trata de um impacto directo da crise sanitária provocada pelo covid-19 em 2019. Note-se que a moeda que mais beneficiou com estas crises foi o dólar; a dolarização da economia mundial está directamente ligada à economia de guerra e às crises alimentares.

«Cada ano de conflito reduz a produção agrícola em 4,4 %, em média. Quando os sistemas alimentares são destruídos, gerações inteiras pagam os custos.» – FAO

A guerra provocada pelo ataque dos EUA e de Israel contra o Irão põe sob tensão o mercado mundial de energia e a economia, nomeadamente por causa da forte dependência do petróleo do Médio Oriente.

«O encerramento do tráfego comercial no estreito de Ormuz fez disparar os preços do petróleo; o *brent* passou de 73 dólares em 27 de fevereiro de 2026 para 107 dólares em 8 de março de 2026 – ou seja, um aumento de mais de 40 % em 10 dias. A incerteza dos mercados e a volatilidade dos preços obriga os países e as empresas dependentes das cadeias de fornecimento mundiais a reconsiderar as suas políticas e as suas estruturas económicas, o que poderá conduzir a transformações de fundo no comércio mundial e no sector energético.»¹

A Ásia importa cerca de 60 % do seu petróleo bruto e das suas matérias petroquímicas do Médio Oriente, o que faz dela a região mais dependente dos fornecimentos energéticos provenientes dessa zona. Em 2025 o fornecimento petrolífero da Ásia tinha a seguinte composição: Médio Oriente (59,0 %), Europa de Leste (9,0 %), América do Sul (9,0 %), África Ocidental (7,0 %), e outros (17,4 %).² A guerra actual contra o Irão acarretará uma inflação energética resultante não só da perturbação no fornecimento de petróleo, mas também dos bombardeamentos das refinarias, tanto no Irão como nos países do Golfo.

Face a estes desafios, alguns países procuram novos fornecedores e tentam reduzir o consumo de petróleo, por exemplo diminuindo o número de dias de trabalho por semana, como fizeram o Sri Lanka (Ceilão), o Vietname, a Tailândia e a

1 <https://www.aljazeera.com/opinions/2026/3/10/geopolitical-analysis-of-the-imposed-war-against-iran>

2 <https://www.cnbcindonesia.com/research/20260309074015-128-717151/asia-bisa-duluan-terkena-krisis-energi-kilang-minyak-berebut-pasokan>.

Indonésia. Ao mesmo tempo, os países ricos em petróleo privilegiam as necessidades nacionais em detrimento das exportações.²

IV. OS CAMPONESES E OS POVOS AUTÓCTONES NA PRIMEIRA LINHA: VÍTIMAS E RESISTENTES

Os camponeses e os povos autóctones são as primeiras vítimas da guerra e as últimas a serem reconhecidas como tal. Enquanto as câmaras dos meios de comunicação internacionais documentam a destruição das cidades, o sofrimento rural permanece invisível. No entanto, são as populações rurais que suportam o peso cumulativo das deslocizações [expulsão forçada do território onde habitavam e trabalhavam], o descalabro agrícola e o avanço da vaga predatória da agroindústria em direcção aos territórios enfraquecidos pela guerra.

As estatísticas esboçam um quadro devastador: 60 % das pessoas deslocadas pelos conflitos eram agricultoras antes de serem expulsas (HCR). Os conflitos destruíram mais de 12 milhões de hectares de terras aráveis ao longo da última década (FAO). Os pequenos agricultores, que produzem 80 % dos alimentos consumidos nos países do Sul, são sistematicamente desapossados, tanto pela guerra como pela usurpação de terras pelas multinacionais. O fornecimento de fertilizantes sintéticos utilizados na agricultura tradicional também tem sido perturbado, obrigando os/as camponeses a reforçarem os métodos de produção biológica. Actualmente, os/as pequenos agricultores e os povos autóctones em todo o mundo são os guardiões da biodiversidade e lutam pelo reconhecimento das suas práticas por parte das políticas mundiais relativas à crise climática e aos custos ambientais da guerra.

Contudo, essas comunidades camponesas e autóctones que são alvo da guerra constituem também a principal força de resistência. Por isso os membros da La Via Campesina:

- **Defendem a terra e o território** contra a ocupação militar, a apropriação por parte das multinacionais e as deslocações forçadas, muitas vezes com perigo de vida.
- **Preservam as sementes locais**, arquivos vivos do património agrícola, contra a monopolização dos sistemas de sementes das multinacionais.

- **Reforçam a resiliência agroecológica**, desenvolvendo sistemas agrícolas menos dependentes de insumos importados, mais adaptados às condições locais e mais resistentes aos choques.
- **Constroem redes alimentares locais**, encurtando as cadeias de abastecimento, criando celeiros comunitários e velando para que os sistemas alimentares sirvam as comunidades e não os mercados de exportação, e reforçando as economias solidárias assentes em direitos colectivos, como sejam as cooperativas camponesas e outras instituições comunitárias.
- **Apoiam-se mutuamente através de acções de solidariedade**: como movimento campesino, as nossas organizações são solidárias entre si. Mobilizamo-nos em numerosas regiões e países, dando visibilidade à luta dos camponeses afectados pelas guerras. Isto faz parte da nossa formação política popular e da nossa reflexão colectiva para compreender e agir, face à situação mundial actual. Juntamente com os movimentos sociais nossos aliados, procuramos construir uma jornada internacional pela paz e contra o imperialismo e as guerras.

V. A SOBERANIA ALIMENTAR: UMA ALTERNATIVA POLÍTICA À ORDEM MUNDIAL

A soberania alimentar não é apenas uma proposta de política agrícola. É um projecto político, uma alternativa global ao sistema alimentar neoliberal que fez da fome uma característica estrutural do capitalismo mundial. Definida como o direito dos povos a definirem as suas próprias políticas alimentares e agrícolas, a soberania alimentar combate as causas profundas da fome: a concentração fundiária, a monopolização do sistema de sementes, a financeirização da alimentação e a subjugação das comunidades rurais aos interesses das empresas e do imperialismo.

A soberania alimentar engloba cinco dimensões transformadoras:

- **Autonomia alimentar nacional e comunitária**: reduzindo a dependência em relação às vias de importação e às cadeias mundiais de matérias-primas que podem ser utilizadas como armas na forma de sanções e bloqueios.
- **Protecção dos camponeses, dos povos autóctones**, por via da reforma agrária, da segurança fundiária e do reconhecimento jurídico dos direitos dos

camponeses ([Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses e Outros Trabalhadores das Zonas Rurais](#), 2018; [Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Autóctones](#), UNDRIP, 2007).

- **Supressão do poder das multinacionais sobre as cadeias alimentares**, pondo em causa o controlo monopolista das empresas de sementes, de fertilizantes e de distribuição alimentar sobre os sistemas agrícolas.
- **Justiça ambiental e climática**: as práticas agroecológicas regeneram os solos, restauram a biodiversidade e reforçam a resiliência climática, ao mesmo tempo que reduzem a pegada de carbono.
- **Desmilitarização da política alimentar**: acabando com a utilização das sanções económicas, os bloqueios comerciais e a destruição agrícola como instrumentos de coerção política.

Tabela 3: 30 estatísticas chave sobre fome, conflitos bélicos e sistemas alimentares – Fontes: FAO, PAM, IPC, SIPRI, Banco Mundial, HCR, FEWSNET (2020–2025)

#	Estatística	Categoria
1	733 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem fome (FAO, SOFI 2024)	Fome no mundo
2	3.100 milhões de pessoas não conseguem aceder a uma alimentação saudável (FAO 2023)	Fome no mundo
3	Os países afectados por conflitos albergam 60 % das pessoas que passam fome no mundo (PAM 2024)	Conflito e alimentação
4	Uma pessoa em cada 5 afectadas por conflitos bélicos enfrenta insegurança alimentar aguda (IPC 2024)	Conflito e alimentação
5	As guerras são a principal causa de fome em 80 % dos países em risco de fome (FAO)	Conflito e alimentação
6	Gaza: 2,2 milhões de pessoas – a população total – passa por insegurança alimentar (IPC 2024)	Gaza
7	Gaza: mais de 80 % das terras agrícolas foram danificadas ou destruídas (estimativa FAO 2024)	Gaza
8	Gaza: 96 % das infraestruturas hídricas foram destruídas (Cluster WASH 2024)	Gaza
9	Gaza: a ingestão de calorias caiu para 245 kcal/pessoa/dia em março de 2024 (IPC/PAM)	Gaza

10	Gaza: a malnutrição aguda infantil atingiu os 15,6 % no norte de Gaza (Nutri-HAF 2024)	Gaza
11	lémene: 17 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, 2,7 milhões com malnutrição severa (PAM, 2024)	lémene
12	lémene: 70 % das importações alimentares passam pelo porto de Hodeida, bloqueado desde 2015	lémene
13	lémene: o preço dos alimentos é 180 % mais caro que antes da guerra (WFP Market Monitor, 2023)	lémene
14	Ucrânia: os preços mundiais do trigo aumentaram 34 % num só mês a partir de fevereiro de 2022 (FAO)	Ucrânia e mundo
15	A Ucrânia e a Rússia fornecem 30 % do trigo mundial e 60 % do óleo de girassol (IFPRI)	Ucrânia e mundo
16	Ucrânia: 4,8 milhões de hectares de terras agrícolas ficaram inutilizáveis (FAO 2023)	Ucrânia e mundo
17	A crise de preços dos alimentos em 2022-2023 acrescentou mais 70 milhões de pessoas à contabilidade da pobreza (Banco Mundial)	Ucrânia e mundo
18	Sudão: 17,7 milhões de pessoas em insegurança alimentar aguda – a pior cifra jamais registada (IPC 2024)	Sudão / Sahel
19	Sahel: 18,4 milhões de pessoas em fase 3+ de insegurança alimentar (FEWSNET 2024)	Sudão / Sahel
20	RDC: 23,4 milhões de pessoas em insegurança alimentar aguda: a maior crise alimentar de África (IPC 2024)	Sudão / Sahel
21	As despesas militares mundiais atingiram a cifra de 2,44 biliões de dólares em 2023: um recorde histórico [nos anos mais recentes este recorde voltou a ser batido (<i>N. do T.</i>)] (SIPRI)	Militar
22	Os EUA gastaram 886 mil milhões de dólares em 2023: mais do que a soma dos 10 países seguintes (SIPRI) ^(*)	Militar
23	O custo de erradicar a fome em todo o mundo é calculada em 267 mil milhões de dólares por ano (FAO 2022)	Militar
24	Cada dólar gasto na prevenção das guerras permite economizar 16 dólares em reconstrução (ONU)	Militar
25	Os cinco maiores exportadores de armas têm lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU (SIPRI)	Militar

(*) Por comparação: em 1974, em plena guerra colonial, Portugal gastava 4.204 milhões de dólares na guerra colonial (4,34 % do PIB); em 1975, o orçamento militar caiu para 2.767 milhões de dólares (3,10 % do PIB); em 2024 subiu para 4.524 milhões de dólares (1,44 % do PIB); em 2025 foi 5.505 milhões de dólares (1,71 % do PIB) (a preços e câmbios constantes, dólar 2024). O custo anual (a preços correntes) em 2025 foi de 563 dólares *per capita*. (*N. do T. Dados do SIPRI*)

26	80 % dos alimentos em todo o mundo são produzidos por pequenos agricultores (FAO) [entenda-se 80 % em valor (N. do T.)]	Camponeses
27	60 % das pessoas deslocadas por conflitos bélicos eram agricultoras antes de serem deslocadas (HCR)	Camponeses
28	1,3 mil milhões de pessoas vivem da agricultura agroecológica ou tradicional (IPES-Food 2022)	Camponeses
29	Os conflitos bélicos destruíram mais de 12 milhões de hectares de terras cultiváveis ao longo da última década (FAO)	Camponeses
30	Cada ano de conflito bélico reduz a produção agrícola em 4,4 %, em média (FAO)	Camponeses

VI. POSIÇÃO POLÍTICA DE LA VIA CAMPESINA

La Via Campesina declara sem ambiguidade a sua posição sobre a situação mundial actual. Somos um movimento assente no internacionalismo, na solidariedade e na convicção política de que as lutas camponesas, das mulheres, dos jovens e dos povos autóctones em todo o mundo estão interligados no fundamental.

CONDENAMOS	Todas as guerras imperialistas e as agressões militares contra os povos soberanos. As guerras em Gaza, na Ucrânia, no Sudão, no Iéme e noutros lugares derivam de um sistema que põe os interesses do capital e do império acima da vida humana.
DENUNCIAMOS	A utilização da fome como arma de guerra. A destruição deliberada das infraestruturas agrícolas, os bloqueios alimentares e os ataques contra os sistemas alimentares civis constituem crimes de guerra à luz do direito internacional humanitário.
OPOMO-NOS	À militarização da economia mundial. Os 2.453 mil milhões de dólares investidos em armas em 2023 bastariam para pôr termo à fome no mundo nove vezes. Esta escolha não é inevitável, é política.
REJEITAMOS	O controlo monopolista dos sistemas alimentares mundiais por parte das multinacionais agroalimentares, cujo poder é estruturalmente explorado pela guerra.
AFIRMAMOS	Os princípios da soberania alimentar, de uma reforma agrária global, da agroecologia, do feminismo de base e dos direitos dos camponeses como fundamento para uma alternativa viável.

APOIAMOS

O movimento mundial para a proibição de armas nucleares. Os arsenais nucleares constituem uma ameaça existencial para a humanidade e para o planeta. A verdadeira segurança não reside na dissuasão nuclear, mas sim no desarmamento colectivo e na reorientação dos recursos mundiais para a paz, a soberania alimentar e a justiça climática.

VII. MANIFESTO PARA A ACÇÃO

Contra a barbárie, apelamos à resistência organizada e internacionalista. La Via Campesina convida os Estados, os movimentos sociais, as organizações da sociedade civil e os povos a desenvolverem uma acção concreta em três frentes interdependentes:

Aos Estados e às instituições internacionais:

Reforcem e apelem ao [Tribunal Internacional de Justiça](#) e ao [Tribunal Penal Internacional](#) para que peçam contas aos Estados agressores que utilizam a fome como arma de guerra.

Invoquem a [resolução 377](#) da [ONU](#), «[União pela Paz](#)», a fim de contornar os vetos do Conselho de Segurança e de convocar sessões de urgência da Assembleia Geral sobre os conflitos em curso.

Intensifiquem a aplicação do [Tratado sobre a Proibição de Armas Nucleares](#) (TPNW, 2017), ratificado por 93 países.

Reorientem as despesas militares para programas de soberania alimentar, de adaptação às alterações climáticas e de resiliência agrícola nas regiões afectadas.

Reforcem a cooperação Sul-Sul, para construir um sistema alimentar independente das estruturas comerciais imperialistas.

Aos movimentos sociais e aos povos:

Mobilizem-se contra as agressões imperialistas e em solidariedade com todos os povos que sofrem ocupação militar ou cerco, de Gaza ao Sudão, da Ucrânia ao Iémen.

Oponham-se ao aumento das despesas militares em todos os países e exijam que os orçamentos públicos dêem prioridade à saúde, à educação, à agricultura e à acção climática.

Construam e reforcem as redes de informação independentes, livres do controlo das empresas mediáticas e imperialistas.

Forjem alianças entre os movimentos camponeses, os sindicatos, as organizações feministas, os grupos ambientais e os movimentos sociais urbanos.

Apoiem a produção alimentar local e as práticas agroecológicas como actos de resistência política.

Às organizações camponesas e às comunidades:

Reforcem os sistemas de sementes locais, os celeiros comunitários e os circuitos alimentares de proximidade como alicerces da soberania alimentar.

Documentem e tornem pública a destruição dos sistemas agrícolas nas zonas em conflito, a fim de tornar visível o invisível.

Construam redes de solidariedade entre as comunidades rurais das regiões afectadas por conflitos e as regiões mais estáveis.

Defendam a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses (UNDROP, 2018) e a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Autóctones (UNDRIP, 2007) como instrumentos jurídicos e políticos de protecção.

Defendam a reforma agrária popular integral, o desenvolvimento rural e a construção de um quadro comercial mundial alternativo baseado na soberania alimentar.

CONCLUSÃO

A guerra e a fome não são crises distintas. São dois instrumentos de um mesmo sistema, uma ordem mundial alicerçada na mercantilização da vida, na militarização do poder e na espoliação estrutural das comunidades rurais. As provas são esmagadoras: dos campos destruídos em Gaza à pilhagem dos celeiros do Sudão, dos portos bloqueados do Lémene aos terminais cerealíferos bombardeados na Ucrânia, os sistemas alimentares são desmantelados em nome da guerra.

Mas as provas mostram ainda outra coisa: a resistência é possível. Os camponeses de Cuba construíram uma resiliência agroecológica contra seis décadas de bloqueio. Os agricultores palestinos continuam a plantar oliveiras sob a ocupação. As comunidades do Sahel conservam a sua soberania em matéria de sementes, em pleno conflito. Não são milagres, são frutos dos movimentos organizados, internacionalistas e soberanos no sector alimentar.

La Via Campesina coloca-se, como sempre o fez, ao lado dos povos. Opomo-nos a todas as guerras, a todos os bloqueios, a todas as sanções que visem reduzir as populações à fome para as subjugar. Defendemos o direito de cada comunidade em todo o planeta a se alimentar com dignidade, por meio das suas próprias terras, das suas próprias sementes, segundo as suas próprias tradições e opções.

A defesa da terra e da alimentação equivale à defesa da própria vida. A defesa da vida exige que mundializemos a nossa solidariedade tão eficazmente como o imperialismo mundializou as suas guerras.

GLOBALIZEMOS A LUTA, GLOBALIZEMOS A ESPERANÇA!

La Via Campesina – Movimento campesino internacional | Abril, 2026